

# A CIDADE COMO PALCO E SEUS DESÍGNIOS NA LITERATURA

## THE CITY AS A STAGE AND ITS PURPOSES IN THE LITERATURE

*Luciana Marino do NASCIMENTO*<sup>1</sup>

**Resumo:** a cidade como palco de lutas e de encenação para o progresso em fins do século XIX/início do século XX tornou-se *locus* privilegiado para a escrita literária. Neste trabalho, pretende-se tecer algumas considerações sobre a imagem do fenômeno urbano na literatura e sua presença no imaginário social, tomando-se como base a releitura de importantes textos que trataram a relação entre literatura, experiência urbana e modernidade, tais como Simmel; Berman, Bradbury; Schorske; Benjamin.

**Palavras-chave:** literatura; experiência urbana; modernidade.

**Abstract:** the city as stage of struggles and staging for progress in the late nineteenth/early twentieth century has become a privileged locus for literary writing. In this work, we intend to weave some considerations about the image of the urban phenomenon in literature and its presence in the social imaginary, taking as a base the rereading of important texts that dealt with the relationship between literature, urban experience and modernity, such as Simmel; Berman, Bradbury; Schorske; Benjamin.

**Key-words:** literature; urban experience; modernity.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Acre e do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada (PIPGLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: zen.sansara@uol.com.br



## Introdução

Como pensar e perceber a cidade na sua vasta rede de múltiplas significações, nos sentidos e sentimentos de cada habitante desse espaço, que é fruto do imaginário e do labor articulado por muitos homens, onde as pessoas se agregam e se desagregam e cada um é, simultaneamente, um fragmento de um conjunto; parte de um coletivo?

Tome-se o poema de Augusto de Campos intitulado “cidade/city/cité” (1963), cujo texto é organizado por uma sequência de unidades mínimas lexicais capazes de evocar uma diversidade de ecos da urbe ababelada. O uso das línguas portuguesa, inglesa e francesa, junto ao campo semântico “cidade” enfatiza e universaliza a dimensão do espaço urbano. Num primeiro olhar, o leito não chega a diferenciar os campos semânticos que formam a gigantesca palavra-poema de 158 letras; mas esse embaralhamento de letras denota bem o caráter babélico da cidade, que, por seu turno, tem as suas origens no espaço urbano moderno de fins do século XIX.

No texto *A paisagem urbana*, Win Wenders exprime a sua vivência de ser um apreciador e *flâneur* das cidades e de seus signos: “Não sou arquiteto nem urbanista”. Wenders nos aponta, em seu texto, a vivência nas/das cidades, tal qual o *flâneur* de matriz baudelairiana, que rastreia, nesse espaço, não apenas a paisagem urbana, mas o homem em sua relação com essa paisagem, denotando que, por mais técnicas que sejam as urbes, ainda assim, as ruas e suas edificações não são suficientes para fazer desse espaço uma cidade de fato, pois é preciso criar uma alma para esse corpo físico.

Nesse sentido, nos detemos em Italo Calvino, nas suas *Cidades Invisíveis*, obra em que Marco Polo narra a Kublai Khan, Imperador dos Tártaros, as cidades que ele cria a partir da memória. Tentando descrever, por exemplo, a cidade de Zaíra, o viajante Marco Polo fala de suas ruas e seus degraus, dos portais e dos telhados de zinco, mas, além dessas descrições físicas, Polo afirma que a cidade não comporta somente aspectos materiais, mas também ela é feita “de relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: A distância do solo até um lampião... [...] o percurso do cortejo nupcial da rainha; [...] e o salto do adúltero que foge de madrugada.” (CALVINO, 1990: 14).

Ou seja, como se vê no relato de Polo, uma cidade não comporta apenas uma planta criada pelo urbanismo moderno, mas ela é, antes de tudo, um emaranhado de existências, onde o passado, com suas histórias e tradições, tem papel relevante nesse espaço. Assim, nesse emaranhado de cidades que coabitam o mesmo espaço ao mesmo tempo, temos a cidade do arquiteto, a cidade dos cidadãos, a cidade subterrânea da memória, a cidade imaginária e também a cidade literária.



Nesse processo de construção das cidades, sejam elas reais ou imaginárias, visíveis ou invisíveis, velada ou reveladas, os discursos que nelas se inscrevem as legitimam. As muitas imagens criadas, de certa forma, se fixaram e estabeleceram construções sobre elas. Um passeio pelas imagens das cidades nos permite observar como os discursos criaram identidades e ícones para as cidades.


Partindo da imagem citadina mais antiga de que se tem notícia, o mito da Babel – o qual constituiu a imagem do caos urbano e se encontra associado, de forma indelével, à cidade moderna –, existe remissão à técnica, à pretensão do homem em criar outra natureza, ou seja, a artificial, dominando a natureza primitiva, correspondendo, portanto, a um projeto de dominação da natureza: “Na literatura apocalíptica, Babilônia-Jerusalém são uma antinomia como anticristo-Cristo; Babilônia é a cidade da técnica, Jerusalém, da graça; Babilônia é a prostituta, Jerusalém, a esposa” (Bíblia Sagrada, Missionário Capuchinhos, Lisboa: 281).

Já a Jerusalém celestial, cidade utópica, tornou-se fonte de inspiração para os utopistas e reformadores da cidade, conformada à imagem renascentista da cidade da Utopia, de Morus, ou seja, espaço do não lugar, o *utopos*, como também iluminou as imagens renascentistas de A Nova Atlântida, da Cidade de Deus, da Cidade do Sol. Essa antinomia reverberou, também, nas representações literárias da urbe no apogeu da industrialização e da consolidação do capitalismo. Carl Schorske afirma que o espaço urbano moderno se define por três traços: “a cidade como virtude, a cidade como vício, a cidade além do bem e do mal” (SCHORSKE, 2000):

Creio que se podem discernir três avaliações amplas da cidade nos últimos duzentos anos: a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade para além do bem e do mal. Essas atitudes aparecem em pensadores e artistas em sucessão temporal. O século XVIII desenvolveu, a partir da filosofia do Iluminismo, a visão da cidade como virtude. A industrialização do começo do século XIX trouxe à tona uma concepção oposta: a cidade como vício. Por fim, no contexto de uma nova cultura subjetivista nascida na metade do século XIX, surgiu uma atitude intelectual que colocava a cidade para além do bem e do mal. (SCHORSKE, 2000: 53)

Nesse sentido, percebemos que os discursos dos literatos, por mais distintos que sejam, variaram entre a louvação à cidade como vitrine da modernidade e a constatação da perda de elos entre os indivíduos e o mal-estar diante de um espaço que passa a não ser mais familiar. Desse modo, é possível observar que a literatura instaura um discurso na e sobre a cidade, expressando os choques e as experiências dos indivíduos e suas relações no interior desse espaço. A literatura cria, pois, outra cidade, ou seja, a cidade escrita que é apreendida num momento ímpar, seja pelo *flâneur*, pelo dândi ou pelo voyeur, cujas situações demarcam pontos de vista acerca da legibilidade da cidade.





Na segunda metade do século XIX, com o surgimento do fenômeno urbano, instaurou-se um imaginário moderno. Podemos observar que boa parte da literatura passou a ser produzida na e sobre a cidade, cujo processo foi impulsionado pela circulação de ideias, o desenvolvimento da imprensa, a circulação de jornais, a criação de livrarias e editoras. Pode-se perceber que muitos dos textos literários que circularam sobre a cidade, sejam eles crônicas, contos ou romances, todos contribuíram significativamente para instaurar uma nova sensibilidade urbana e moderna, bem como expressaram, em grande parte, os anseios de modernidade de uma classe consumidora urbana.

## Cidade e literatura: traços, laços e tentáculos

Bradbury e McFarlane (1989), ao analisarem o fenômeno moderno e suas configurações na sociedade, apontam que a cidade é o ambiente da efervescência cultural, do imaginário moderno, caracterizado pelas novas sociabilidades, pela indústria do entretenimento e pela circulação de ideias e livros, o que caracterizava, segundo os autores, uma inter-relação entre literatura e experiência urbana, pois sempre existiu uma estreita relação entre a literatura e a as cidades, pois estas abrigam, mormente,

as instituições literárias básicas: editoras, patronos, bibliotecas, museus, livrarias, teatros, revistas. Aí também estão as intensidades do contato cultural e as fronteiras da experiência: as pressões, as novidades, os debates, o lazer, o dinheiro, a alta rotatividade das pessoas, os fluxos dos visitantes, o som de muitas línguas, a rápida troca de ideias e estilos, a oportunidade de especialização artística. (BRADBURY, 1989: 76-77)

Apesar dessa conexão, as relações entre cidade e literatura não se fixaram somente porque a cidade tornou-se lugar da circulação literária, pois o literato foi em grande medida “capturado pelo espírito da cidade moderna” (BRADBURY; MCFARLANE, 1989: 77), o que demonstra a recorrência da temática urbana na literatura e, também, o desenvolvimento do romance como gênero capaz de representar a vida urbana moderna em sua plenitude.

Essa feição do espaço urbano estava diretamente associada ao desenvolvimento do capitalismo e do mercado e, de fato, as cidades ganharam um desenho que as distinguiram de outras espécies de aglomeração anteriores, até mesmo se pensarmos na geração de novas sociabilidades urbanas. De acordo com George Simmel, no texto *A metrópole e a vida mental*, portentosas foram as mudanças urbanas no imaginário social dos anos oitocentos, o que instaurou uma sociabilidade diversa que veio a gerar modos de estar e de se portar na cidade:

As cidades são, em primeiro lugar, sede da mais alta divisão econômica do trabalho. Produzem, portanto, fenômenos tão extremos quanto, em Paris, a ocupação remunerada do quatorzième. São pessoas que se identificam por meio de avisos em suas residências e que estão prontas, à hora do jantar, corretamente trajadas, de modo que possam ser rapidamente convocadas, caso um jantar consista em treze pessoas. Na medida de sua expansão, a cidade oferece mais e mais as condições decisivas da divisão de trabalho. Oferece um círculo que, através de seu tamanho, pode absorver uma variedade altamente diversificada de serviços. (SIMMEL, 1976: 21-22)

Nos primeiros decênios do século XIX, a acelerada industrialização provocou a formação de altas concentrações demográficas, produzindo grandes mudanças nos modos de vida das cidades europeias. O crescimento demográfico, os conflitos urbanos, a pobreza e os conflitos de classe tornaram-se mais frequentes, acarretando o desenvolvimento do que Foucault caracterizou como “medo urbano”, ou seja,

[...] a angústia da cidade que vai se caracterizar por vários elementos; medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar. Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta inquietude político-sanitária que se forma à medida que se desenvolve o tecido urbano (FOUCAULT, 1984: 87).

A grande cidade teve, ao longo dos anos, a sua imagem conformada ao vício, à perversão dos costumes, ao luxo insolente; à fragmentação da vida comunal e ao crime. Se nos remetermos às Escrituras, podemos observar que estas mencionam que Deus foi o arquiteto do primeiro jardim; já Caim edificou a primeira cidade. A literatura do século XIX e o cinema do século XX representaram a cidade como espaço do embaralhamento das vivências, como, também, espaço da solidão, da ilusão e do desamparo em meio a multidões.

Em se tratando das relações entre literatura e sociedade, observa-se que não só nos romances, mas também na lírica ou na crônica cotidiana, a cidade deixou de constituir apenas um palco ou um cenário para o desenrolar dos acontecimentos, passando, assim, ao *status* de protagonista: assim o foi com a Paris de Charles Baudelaire ou de Émile Zola; com a Londres de Dickens; com a San Petersburgo de Dostoiévski; com o Rio de Janeiro de Alencar, Machado, João do Rio ou Lima Barreto; com a Buenos Aires de Borges ou a Montevideo Vieja de José Saldaña<sup>2</sup>,

---

2 Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões teóricas sobre a cidade na literatura e não foi objetivo, neste momento, tratar das imagens da cidade nesses autores. Publicamos alguns trabalhos sobre esses autores: Cartografias Literárias na Lisboa do século XIX (NASCIMENTO, 2016); Arqueologias da cidade: Lima Barreto e os subterrâneos do Morro do Castelo (NASCIMENTO; SOUSA, 2015); Cartografias urbanas: literatura e experiência urbana na belle époque carioca (NASCIMENTO, 2015); Cartografias Urbanas em Eça de Queiros (NASCIMENTO, 2014); Múltiplas cartografias urbanas (NASCIMENTO, 2017); Alencar e a conversa cotidiana na sua “solidão tropical” (SILVA; NASCIMENTO, 2017).

dentre tantos outros autores que exprimiram suas percepções acerca da urbe, elaborando imagens e expressando sentidos, que nos proporcionam, ainda hoje, aquelas cidades, pois, conforme afirma Brito Broca, ao serem captadas no discurso literário, as cidades ganham uma mitologia:

[o] que constitui o principal atrativo de uma cidade é o que poderemos chamar [de] seu mito. Paris, Londres, Roma, Lisboa, Madri e tantas outras urbes do velho mundo possuem todas uma mitologia e é a literatura que as cria. São os romances, os poemas, a história numa sedimentação profunda de impressões e reminiscências que formam (...) a superestrutura mitológica das cidades. (BROCA, 1993: 15)

Essa cidade moderna que é imortalizada pela pena dos escritores torna-se texto e objeto multifacetado, tal qual um poliedro de vidro, o qual pode ser visto em um amplo espectro como uma luz que se delinea sobre ela. O cidadão atribui sentidos às suas experiências no espaço urbano. Em *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*, Marshal Berman debate as muitas imagens da modernidade, a partir do fenômeno urbano, estabelecendo uma intrínseca ligação entre esses dois elementos. O autor nos mostra que as cidades e a literatura que se produziu sobre elas nos trazem os sentidos e as ambivalências vividos pelos seus habitantes, personagens muito particulares desse palco, pois a cidade é um espaço que conjuga desencanto e fascínio. A literatura que inscreve a cidade confere corpo às experiências dos sentidos e sentimentos vividos pelos habitantes da grande cidade, e, sem dúvida, é na crônica e no romance, principalmente, que a cidade se abre em relatos. De acordo com Franco Moretti, o romance é a “primeira forma simbólica verdadeiramente mundial” que fundou elos entre a vida social e o discurso literário, justamente por trazer para a cena literária os relatos da vida cotidiana.

## Considerações finais

A modernidade urbana como espaço do imaginário também se inscreveu na poesia e foi objeto incessante de estudo de Walter Benjamin. O filósofo alemão mostrou que a modernidade do poeta francês Charles Baudelaire incorporou o lado melancólico e sombrio da cidade, num contraponto ao luxo e à ideia de modernidade exaltada pelo discurso científico e industrial.

A cidade, na esteira da modernidade, tornou-se lócus da civilização e da imagem do progresso em fins do século XIX. Renato Cordeiro Gomes, em seu texto *Cartografias urbanas: representações da cidade na literatura*, estabelece a relação entre a cidade concreta e cidade ficcional. Segundo Gomes, a cidade, quando é ficcionalizada, torna-se texto, imagem e objeto:

[a] cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e suas múltiplas vozes e grafias é uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita, num jogo aberto à complexidade. (GOMES, 1997, s. p.)

Vale ressaltar que não só o discurso literário, mas também a imprensa e o discurso político, muitas vezes, eivado do nacionalismo e da ideia de modernidade, contribuíram para imortalizar a imagem das cidades pelo mundo, tendo como aliados a arte e a técnica da reprodução, a partir das fotografias, postais e souvenirs. Walter Benjamin, em seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, afirma que as técnicas de reprodução permitiram um maior acesso do grande público às imagens, à arte, embora o objeto de arte tenha perdido sua aura. As imagens da cidade reproduzidas por meio da fotografia, de acordo com Walter Benjamin, puderam ser reproduzidas maciçamente, fixando as imagens efêmeras, além de proporcionar ao fotógrafo a possibilidade de imortalizar todos os aspectos da vida cotidiana, e o produto, sem dúvida, refletiu boa parte do imaginário social.

Enfim, a cidade moderna representou a própria imagem da civilização. Ao prescindir dos esquemas representativos da ordem antiga, a moderna *urbs* efetivou uma ruptura radical com tudo o que dizia respeito à ordem antiga, fazendo nascer o urbano como o conhecemos hoje. Essa ruptura se concretizou, sobretudo, na arquitetura, na edificação e na reforma das cidades, como também no uso que seus habitantes passaram a fazer do seu espaço.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Sociologia**. Flavio R. Kothe (Org.). São Paulo: Ática, 1985. Col. Grandes Cientistas Sociais.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000.



BRADBURY, Malcon. “As cidades do modernismo”. In: BRADBURY, Malcon e MCFARLANE, James. (Orgs.). **Modernismo: Guia geral (1890-1930)**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da Medicina Social. In FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

MORETTI, Franco. (Org.) **A cultura do romance**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. Cartografias literárias urbanas em Eça de Queiroz. **Ininga**, v. 1, p. 81-90, 2014.

\_\_\_\_\_. Cartografias urbanas: literatura e experiência urbana na belle époque carioca. **Recorte**, v. 12, p. 1-10, 2015a.

\_\_\_\_\_. Cartografias literárias na Lisboa do século XIX. **Sobre Ontens**, v. 2, p. 1-21, 2016.

\_\_\_\_\_. “Múltiplas cartografias urbanas”. In: \_\_\_\_\_.; MONTEZ, Luiz Barros; BRAGANÇA JUNIOR, Alvaro Alfredo; VILELA, Wisley do Carmo. (Org.). **Cartografias da Civilização: Espaços, conflitos e Discursos em Perspectiva interdisciplinar**. 1ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017, v. 1, p. 181-198.

\_\_\_\_\_.; SOUSA, Gabriel das Chagas Alves Pereira de. Arqueologias da cidade: Lima Barreto e os subterrâneos do Morro do Castelo. **Revista Querubim**, v. 1, n. 1, 2015.

PECHMAN, Robert Moses. O mel e o fel da cidade: lendo folhetins e romances em busca de alguma moral urbana. In: **Espaço & Debates**, São Paulo, v. 23, n. 43-44, p. 71-77, jan.-dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Desconstruindo a cidade: cenários para a nova literatura urbana. In: **Revista Rio de Janeiro**, n. 20-21, p. 31-40, jan.-dez. 2007

PONTES, Heloísa. **Intérpretes da metrópole: história social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968**. São Paulo: Edusp, 2011.

Schorske, Carl E. **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, K. G.; NASCIMENTO, L. M. “Alencar e a conversa cotidiana na sua ‘solidão tropical’”. In: NASCIMENTO, L.; PIETRANI, A.; OLIVEIRA, P. C. (Org.). **Riscos da escrita, rastros da memória: homenagem à Professora Lucia Helena**. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, v. 1, p. 68-102.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.